

# O Emprego do Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado na Operação de Manutenção da Paz no Haiti

Cap Cay Carlos Alexandre Geovanini dos Santos

**D**ESDE QUE O Governo Brasileiro decidiu contribuir com a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), nossos soldados têm convivido com situações pouco convencionais. A complexidade do quadro psicossocial haitiano tem apresentado desafios constantes à nossa tropa, desde os níveis de comando mais elevados até os menores escalões de execução.

O escopo deste artigo é o de repassar aos leitores a experiência de um Comandante de Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado (Esqd Fzo Mec) na Operação de Manutenção da Paz no Haiti. Dessa forma, abordaremos o ambiente operacional, com suas principais ameaças para a tropa. Discorreremos ainda sobre a organização do Esquadrão e suas principais missões, descrevendo a forma de atuação das frações elementares.

## Ambiente Operacional

A cidade de Porto Príncipe, capital do Haiti, com cerca de 2,5 milhões de habitantes, caracteriza-se pela existência de uma grande quantidade de favelas e de bolsões de miséria em seu interior.

As favelas apresentam construções de forma desordenada, com inúmeros becos e vielas, que por sua vez também ramificam-se irregularmente, sem qualquer padrão definido.

As duas principais favelas em que a tropa brasileira operava, na oportunidade que estava destacado no Haiti, era Bel Air e Cité Soleil. A primeira localiza-se próximo ao Palácio Presidencial, em uma área com predominância de morros, cujas construções são em sua maioria de alvenaria e dispendo de apenas alguns andares com 5 a 7 metros de altura.

Na segunda, o terreno apresenta-se plano com construções mais rudimentares, sendo algumas de madeira e zinco. As ruas são mais permeáveis aos blindados, embora haja trechos restritos devido à falta de consistência do solo, criando verdadeiros atoleiros para as viaturas.

*“Sempre haverá uma Cavalaria!”*

—General Weygand

*O Cap Carlos Alexandre Geovanini dos Santos é Aspirante a Oficial da Arma de Cavalaria da turma de 1995 da Academia Militar das Agulhas Negras. Exerceu as funções de Comandante de Pelotão de Cavalaria Mecanizado, Pelotão de Operações Especiais, Comandante de Esquadrão de Carros de Combate e de Comandante de Esquadrão de Fuzileiros Mecanizado na Operação de Manutenção da Paz no Haiti. Possui o Curso Básico Para-quedaista, Curso de Comandante de Subunidade Blindada na Escola de Blindados de Munster, Alemanha, além dos estágios tático e técnico de blindados do Centro de Instrução de Blindados (CIB) do Exército Brasileiro. Possui o título de Mestre em Operações Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro, bem como MBA em Excelência Gerencial pela Fundação Armando Álvares Penteado, SP. Atualmente exerce a função de instrutor do CIB e cursa mestrado em integração latino-americana pela Universidade Federal de Santa Maria.*

Em ambas as favelas encontramos canais que compartimentam o terreno, dissociando e prejudicando o movimento das tropas. Ainda como característica comum, podemos citar a imensa quantidade de lixo espalhada por quase toda a zona de ação, dificultando sobremaneira os deslocamentos de nossas frações, quer seja embarcado ou a pé.

Nesse ambiente operacional, as principais ameaças sobre nossas frações eram o emprego de pequenos efetivos de forças adversas infiltradas nos becos e que por vezes executavam disparos de lajes no interior de vielas ou pela retaguarda das viaturas, evadindo-se depois pelos inúmeros becos da região. Tais disparos visavam geralmente

***Em momentos críticos das operações, a colocação de um fuzileiro sentado no banco próximo à porta lateral da viatura permitia a retransmissão das ordens do Cmt GC ao motorista, caso ele não as tivesse entendido pelo sistema de intercomunicação.***

a torre, o motorista e os pneus das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP) Urutu. Destaque-se também o emprego de “coquetéis molotov” e pedras contra nossas viaturas, procurando causar efeito psicológico negativo na tropa, apesar de seu baixo índice de letalidade.

## **Principais Missões Cumpridas Pelo Esquadrão De Fuzileiros Mecanizado**

Antes de abordar as missões cumpridas pelo Esqd Fzo Mec no Haiti, é importante frisar que o escalão superior esperava que nossa fração se constituísse em uma força de ação rápida, devendo apresentar-se pronta para quaisquer eventualidades em um prazo de 20 a 30 minutos, depois de acionada, em qualquer parte da capital do Haiti. Além disso, contávamos com o poder dissuasório das VBTP Urutu, de fabricação brasileira.

Dentre a gama de missões recebidas pelo esquadrão podemos citar as seguintes: patrulhamento em áreas de risco, ocupação de pontos fortes, reconhecimentos, desaferramento de tropas engajadas, ocupação de posições de bloqueio, vigilância de zona de ação, monitoramento de manifestações, escoltas de comboios e autoridades, desobstrução de vias públicas e apoio às ações da Polícia Nacional do Haiti, dentre outras.

O efetivo do Esqd Fzo Mec era de 150 militares, sendo integrado por 4 pelotões de fuzileiros mecanizados e uma seção de comando. Contávamos ainda com 16 VBTP Urutu, dois caminhões de 5 Ton, uma 02 Vtr Land Rover, além de uma ambulância bem equipada com material de saúde. Como elementos de saúde dispúnhamos de um médico, um sargento enfermeiro e quatro atendentes para quaisquer eventualidades.

**Forma de atuação.** De uma maneira geral, a forma de atuação do Esqd Fzo Mec na missão de paz do Haiti seguia o padrão descrito a seguir.

**Concepção da missão.** No início, tínhamos que concentrar nossos esforços no reconhecimento da área de operações e nas operações de inteligência, buscando coletar valiosos informes para a montagem de um banco de dados mais fidedigno possível acerca de nossa zona de ação. Entre os elementos essenciais de informação destacamos o levantamento das lideranças locais, a identificação das necessidades da população, as áreas de homizio de elementos de forças adversas, locais de reunião, principais vias de acesso utilizadas para deslocamentos de gangues, bem como os limites territoriais entre elas, dentre outros.

**Planejamento.** Cada pelotão recebia um determinado setor de patrulhamento de acordo com um planejamento do oficial de operações do esquadrão.

O Cmt Pel distribuía uma zona de ação para cada Grupo de Combate (GC) blindado, realizando rodízios periódicos entre as frações. No respectivo setor de responsabilidade de cada Pel eram informados os locais onde estes deveriam mobilizar pontos fortes temporários e onde deveriam concentrar seus esforços a fim de obter informações de acordo com os elementos essenciais de informação recebidos. Para tanto, os GC eram reunidos e iniciava-se o patrulhamento a pé com a finalidade de reconhecer os becos e vielas da

área de operações, além de levar a presença da tropa da ONU em locais inacessíveis aos blindados. Tais patrulhas contavam algumas vezes com intérpretes locais, fundamentais para a coleta de informes.

A ocupação de postos de observação era imprescindível para a segurança dos deslocamentos, uma vez que desta forma poderíamos obter comando sobre as lajes da área de operações.

Quanto ao tempo de duração das patrulhas, a prática mostrou que o melhor rendimento era obtido quando estas duravam de 2,5 a 3 horas.

## Execução

**Patrulhas Mecanizadas.** Quando embarcados, os fuzileiros recebiam um setor de observação, incluindo as lajes acima da viatura. Nas escotilhas procurávamos manter apenas um militar para facilitar a entrada rápida nas VBTP. Outra vantagem desse sistema era o de proporcionar rodízio entre os homens, de forma que cada esquadra permanecia cerca de 30 minutos atenta ao patrulhamento e 30 minutos em situação um pouco mais aliviada no interior da viatura.

Em momentos críticos das operações, a colocação de um fuzileiro sentado no banco próximo à porta lateral da viatura permitia a retransmissão das ordens do Cmt GC ao motorista, caso ele não as tivesse entendido pelo sistema de intercomunicação.

Quando o motorista precisava escotilhar a VBTP e tinha que conduzi-la dessa forma pelas ruas estreitas da região, era outra situação não muito confortável para a tropa, em razão da reduzida visibilidade proporcionada pelos blocos de visão de uma viatura blindada. Atualmente, as VBTP empregadas no Haiti receberam blindagem especial para os motoristas e atiradores de Mtr MAG, o que veio a proporcionar mais segurança e operacionalidade para a tropa.



*Soldados brasileiros, integrantes da missão de paz da ONU, patrulham uma rua na favela de Cite-Soleil em Porto Príncipe, Haiti (9 de agosto de 2006).*

No aspecto blindagem, em geral a viatura suportava bem os impactos de calibre inferiores a 7,62mm, inclusive desse último, desde que não fossem disparados a distâncias muito curtas.

Durante as operações, a adaptação de uma pequena barra de aço soldada no reparo da metralhadora MAG veio a facilitar o emprego daquele tipo de armamento embarcado.

As Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal tiveram um desempenho muito bom. Os maiores obstáculos à movimentação dos blindados eram os fossos escavados nas ruas com o propósito de restringir a mobilidade das forças de segurança. Além disso, as verdadeiras montanhas de lixo e as carcaças de veículos carbonizados também ofereciam algumas restrições ao movimento, além de provocar constantes avarias nos pneus.

**Patrulhamento a pé.** Quando desembarcados, os fuzileiros realizavam o patrulhamento a pé, sempre apoiado por suas respectivas VBTP dotadas de metralhadoras MAG 7,62mm. O itinerário destas patrulhas era curto e englobava prioritariamente os becos e vielas inacessíveis aos blindados. Ainda com o intuito de apoiar as frações que se deslocavam no interior da zona de ação, ocupávamos postos de observação ao longo de tais itinerários. Dessa forma, conseguíamos ampliar nosso campo de visão, bem como obter comando, evitando disparos vindos do alto das lajes adjacentes. Nessas patrulhas,

mantínhamos o contato com a população procurando proporcionar segurança e obter informes necessários ao escalão superior.

No interior das favelas, a maior dificuldade era manter a comunicação visual entre as frações. Tal situação era agravada pelo fato da descentralização chegar algumas vezes no escalão esquadra. Isto se devia à escassez de espaço dentro da zona de ação, tornando inoportuno e até perigoso o emprego de efetivos maiores que o GC em uma mesma via de acesso.

O Pára-FAL foi o armamento utilizado na missão. Em razão de suas dimensões e dos estreitos becos da área de operações, houve dificuldade para realização de tiros no interior das favelas locais. Ressalte-se que as distâncias de engajamento neste ambiente operacional variavam de 6 a 15 metros.

Embora houvesse dificuldades e riscos, o patrulhamento a pé constituía em um excelente complemento ao patrulhamento mecanizado, pois projetava a tropa no interior da zona de ação, dificultando o homizio de forças adversas e restringindo-lhes o movimento.

Em suma, pode-se afirmar que os blindados transportavam a tropa com segurança, além de aumentar-lhe a capacidade de concentração e dispersão em curto espaço de tempo, favorecendo seu emprego no local e hora em que fosse mais adequado ao cumprimento da missão; enquanto que o deslocamento a pé aumentava a visibilidade de nossos soldados, contribuindo para o aumento da sensação de segurança da população haitiana e para a obtenção de dados de inteligência necessários às operações da tropa.

## **Engajamento Com Forças Adversas**

Na grande maioria das vezes, o engajamento com as forças adversas ocorria em situações inopinadas. Nestas ocasiões era difícil precisar de onde os disparos partiam e levava-se algum tempo até se conseguir definir a provável direção de onde eles vinham. Uma vez localizada a ameaça, empregávamos as técnicas de ação imediata ofensivas (TAI). Definíamos uma área de atuação e enquanto uma fração cercava seus acessos a outra realizava o vasculhamento. Os efetivos empregados variavam de acordo com a disponibilidade de tropa no local naquele

momento, com o tamanho da área e o com o efetivo aproximado das forças adversas. Como dado de referência, geralmente utilizávamos um ou dois pelotões no cerco, um pelotão no vasculhamento e outro como reserva móvel, que prosseguia no patrulhamento e vigilância áreas adjacentes que poderiam ser utilizadas como rota de fuga pelos meliantes.

A maior dificuldade do comandante de subunidade era a de filtrar as diversas informações enviadas pelos pelotões, entender a situação, montar um quadro da situação e definir sua intenção em um comando simples, objetivo e executável. As ordens eram transmitidas via rádio, por intermédio de ordens fragmentárias (O Frag). A correta emissão destes comandos era de vital importância para o êxito da operação.

Outra séria dificuldade encontrada foi a de controlar o regime de fogos das frações. Em uma área compartimentada como a de uma favela, a tendência do soldado era de atirar para se proteger, mesmo não tendo identificado alvos compensadores. Na tentativa de resolver esse problema, os comandantes de pelotão e de GC trabalhavam no preparo psicológico de seus homens, tentando incutir-lhes confiança e a preocupação com o emprego da munição, bem como a importância de se evitar efeitos colaterais indesejáveis para o êxito da missão de paz. Como complemento, os Cmt GC designavam através de comandos verbais os elementos que deveriam engajar os alvos, utilizando-se da técnica do: “Observe meu tiro!”

A instrução individual básica tem apresentado oportunidades de melhoria, principalmente no tocante à designação de alvos e objetivos, bem como no excesso de exposição de oficiais e sargentos durante os engajamentos.

Outro aspecto de suma importância era a evacuação de feridos. A maior parte dos ferimentos sofridos por militares brasileiros era oriunda de estilhaços de projetis dirigidos contra a torre dos Urutus, vindo a atingir nossos militares nos braços e região da face. Nestas oportunidades, os primeiros socorros eram prestados pelos companheiros ou atendentes dos pelotões. Em seguida os feridos eram evacuados pelo médico ou nas suas próprias VBTP para o Hospital de Campanha Argentino da ONU, que possuía capacidade de realizar cirurgias no local.

A título de ilustração, segue-se um exemplo de atividades cotidianas enfrentadas pelas tropas da ONU em Porto Príncipe.

Durante uma operação de patrulhamento de rotina diurna na área de Bel Air, o desdobramento do esquadrão era o seguinte: 1º e 3º pelotões patrulhando suas respectivas zonas de ação. O 2º pelotão em reserva no Palácio Nacional, cerca de 2 km do posto de comando da subunidade, localizado no Forte Nacional, região central da zona de ação e que proporcionava excelente campo de visão da área de operações.

O Comandante do 1º pelotão dividiu sua área de responsabilidade pelos seus três respectivos GC, atribuindo a cada um deles uma zona de ação. Em determinado momento, um dos comandantes de GC informou pelo rádio que estavam ocorrendo alguns disparos próximos à sua posição e que estava averiguando a situação. Solicitei, imediatamente, que me remetesse mais dados sobre o fato que estava ocorrendo. Anotei a área da localização dos disparos e comecei a estudá-la nas fotografias aéreas a fim de levantar as prováveis linhas de ação dos atiradores e como poderíamos reagir a elas. A experiência acumulada durante mais de três meses em operações no local facilitava o processo, sendo muitas ações dos bandos armados bastante previsíveis.

Dentro de poucos minutos, teve início uma intensa troca de tiros na área do 1º pelotão. Imediatamente recebi a comunicação que o pelotão estava recebendo fogos de calibre 9 e 7,62 mm na região de canal de Bel Air de locais ainda não identificados. O efetivo das forças adversas era de aproximadamente 10 a 15 elementos e estavam ocupando posições de tiro nos casarios da região. Ao identificar o local dos atiradores o pelotão respondeu ao fogo, prosseguiu no esclarecimento da situação, tendo o Cmt do 3º GC sofrido um ferimento no braço.

Ao terminar de ouvir a mensagem pelo rádio, determinei que a fração evacuasse o ferido para a região de Praça da Paz e prosseguisse na obtenção de mais dados. Realizei rapidamente meu estudo de situação para emissão de uma ordem fragmentária para toda a subunidade. Em menos de cinco minutos o Oficial de Operações do Batalhão, tinha autorizado a execução da linha de ação por mim adotada, bem como passado em reforço ao esquadrão um pelotão de fuzileiros motorizado (Pel Fzo Mtz) da 1ª Cia e mais uma ambulância.

Com este valoroso reforço recebido do Batalhão, iniciei a emissão de minhas ordens a todo o esquadrão por intermédio de O Frag. Informei que o 1º Pel encontrava-se em contato com forças adversas com um efetivo de 10 a 15 elementos, utilizando armamento de calibre 9 e 7,62 mm, na região do canal de Bel Air, em posições ainda não identificadas e que o Comando do Batalhão tinha passado em reforço ao esquadrão um Pel Fzo Mtz. Determinei na minha O Frag que fosse realizado o cerco da área para que se efetuasse o desarmamento das forças adversas, empregando, se fosse o caso, a força letal dentro das regras de engajamento. Para isso o 1º Pel fixava os atiradores nas suas atuais posições. O Cmt Pel cerrava para região pré-determinada para receber novas instruções. O

***As preciosas lições aprendidas em solo haitiano certamente serão empregadas para melhorar os padrões operacionais das pequenas frações blindadas e mecanizadas do Exército Brasileiro.***

2º Pel ocupava posições de bloqueio nos acessos ao local, de forma a impedir a fuga de elementos armados. O 3º Pel ocupava posições de bloqueio na região do canal de Bel Air de forma a impedir a fuga de elementos armados. Desloquei uma esquadra para realizar a segurança da turma de evacuação e passei um GC ao comando do Cmt Esqd como reserva. Todas as frações acusaram o recebimento e o completo entendimento das ordens emitidas, iniciando sua execução.

Enquanto me deslocava para junto do 1º Pel a fim de acompanhar melhor a situação, o Cmt Pel executou um excelente trabalho de identificação das posições de tiro das forças adversas. Aproximadamente dez minutos depois recebi a mensagem dos pelotões dando o pronto do estabelecimento das posições de bloqueio. Nesse intervalo, o Pel Fzo Mtz mandou uma mensagem via rádio dizendo estar pronto na região da Praça da Paz aguardando ordens, quando determinei que se deslocasse para a região do PC onde me encontrava.

Em cinco minutos o Pel chegou até minha posição e pude ocupar um posto de observação em um dos prédios mais altos da região juntamente com os Cmt do 1º Pel e do Pel Fzo Mtz. Do alto da laje tínhamos uma privilegiada visão da zona de ação. O tiroteio havia parado e ouvíamos apenas disparos esparsos e algumas garrafas de “coquetéis molotov” que eram atiradas contra a tropa. Isso era um sinal claro que as forças adversas estavam se preparando para abandonar o local, provavelmente escondendo os armamentos. O tempo urgia. Após um rápido *briefing*, determinei os limites da área de vasculhamento, dividi a zona de ação entre os pelotões e ordenei o investimento sistemático, ou seja, casa a casa e cada fração estabeleceria sua própria segurança no interior de sua zona de ação. Uma ambulância ficaria na região do PC, cerca de 50 metros do início da zona de vasculhamento.

Rapidamente os Cmt Pel emitiram suas ordens e iniciaram o investimento, ocupando postos de observação para obterem segurança e comando sobre a zona de ação, bem como a entrada tática nas edificações.

Enquanto os pelotões executavam seu trabalho de forma metódica e profissional, aguardava impaciente por qualquer dado novo, mantendo o oficial de operações do Batalhão informado da situação.

Os disparos haviam temporariamente cessado. As ruas permaneciam desertas; era sinal claro que os integrantes do bando armado ainda se encontravam na área. Subitamente recebi um chamado do Cmt do Pel Fzo Mtz solicitando minha presença. Chegando ao local pude verificar os primeiros resultados da operação: dois elementos detidos, um portando um fuzil de assalto *Galil* e outro um revólver 38, em perfeitas condições de uso. Além disso, observamos que o local se constituía em uma região de desmanche de carros roubados. Fui informado, ainda, que outros três elementos haviam se evadido do local. Tais elementos abandonaram seus armamentos e conseguiram pular um muro que delimitava o pátio onde estávamos. Pelo fato de estarem desarmados no contato com a tropa, nossos soldados não executaram disparos, demonstrando maturidade profissional e fiel cumprimento das regras de engajamento.

Simultaneamente, o 1º Pel conseguiu deter três elementos armados de pistolas e com um antigo fuzil *Mausser*, além de diversas garrafas de

“coquetel molotov”. Foram apreendidos cerca de dois quilos de maconha e balanças de precisão.

Dois elementos foram detidos pelo 2º Pel quando tentavam se evadir da região, sendo que um portava uma espingarda calibre 12 e o outro uma faca.

Prosseguimos no vasculhamento por aproximadamente três horas. Tão logo a população civil voltou a circular pelas ruas e os disparos cessaram por completo, informei o resultado da operação ao Comandante do Batalhão sobre o restabelecimento da ordem na área de operações. Os detidos foram levados para o Comissariado Central da Polícia Nacional do Haiti em frente ao Palácio Nacional. Felizmente não houve baixas civis.

Ao apresentar o relatório da missão ao Estado-Maior do Batalhão, procurei destacar a ação de comando dos comandantes de pelotão e de GC; o entrosamento das frações, que permitia que as ordens emitidas fossem executadas com precisão e rapidez, além do fiel cumprimento das regras de engajamento em vigor.

Em especial, destaquei a serenidade de um bravo sargento Cmt de GC que mesmo ferido, manteve a calma para emitir ordens precisas a seus subordinados. Ressaltei, ainda, a maturidade do Cabo de Esquadra, que assumiu o comando do GC na ausência do sargento, o qual, após medicado, retornou ao seu grupo para continuar na missão.

## Conclusão

Apesar de possuir todo o arcabouço estrutural de uma missão de paz da Organização das Nações Unidas, pode-se observar claramente a necessidade de imposição da segurança para a população em algumas áreas do Haiti.

A MINUSTAH tem sido uma excelente oportunidade de adestramento para nossas frações blindadas. Uma verdadeira escola de comando das pequenas frações, onde tenentes e sargentos estão podendo exercitar sua liderança e conhecimento tático em prol da manutenção da paz e da segurança daquela população.

No Haiti, a tropa blindada brasileira vem mostrando seu valor e demonstrando a importância do judicioso emprego de blindados em uma missão dessa natureza. As preciosas lições aprendidas em solo haitiano certamente serão empregadas para melhorar os padrões operacionais das pequenas frações blindadas e mecanizadas do Exército Brasileiro. **MR**